



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

O Facebook para o ensino de língua estrangeira

Facebook for foreign language teaching

Sabrina Ferreira¹; Patrícia Mussi Escobar Iriondo Otero²

RESUMO

O artigo apresenta uma pesquisa que se realizou a partir de um projeto constituído por aulas planejadas e desenvolvidas com a utilização do *Facebook* como espaço de aprendizagem da Língua Estrangeira. A experiência foi realizada em um curso de Língua Inglesa e selecionou um grupo de vinte estudantes para participarem do estudo. O trabalho foi motivado pela seguinte pergunta: É possível desenvolver na aula de língua estrangeira um processo de interação e aprendizagem significativo através da rede social *Facebook*? Utilizou-se nesta pesquisa a abordagem qualitativa aliada à pesquisa-ação. Espera-se, portanto, com a apresentação desta pesquisa, incentivar a reflexão sobre a prática pedagógica com o uso das redes sociais e de outros espaços interativos da Web para o Ensino de Línguas Estrangeiras.

Palavras-chave: *Facebook*; Interação; Língua Estrangeira.

ABSTRACT

This article presents a research based on Facebook as a learning environment in foreign language classes. It was carried out in an English language course in which twenty students were selected to participate in the study. This work aimed to answer the following question: Is it possible to develop a meaningful interaction and learning process through Facebook in foreign language classes? In terms of methodology, it was applied the qualitative approach with research-action was applied. The purpose of this research is to promote reflection on pedagogical practice with the use of social networks and other interactive web spaces for foreign language teaching.

Keywords: *Facebook*; Interaction; Foreign Language.

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas/RS - Brasil. E-mail: sabrinacassia@gmail.com

² Instituto Federal Farroupilha - UFFar, Alegrete/RS - Brasil. E-mail: patriciaotero@ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A integração e a convergência das mídias na educação vêm exigindo mudanças sobre as práticas adotadas em sala de aula pelos professores. Essa mudança no ensino é motivada principalmente pelo aluno desta geração, que entende o processo de aprendizagem de uma maneira diferenciada. Alguns fatos motivadores para esta mudança de visão do processo educativo por parte do estudante podem ser elencados: o acesso à tecnologia e com ela toda a informação que o mundo virtual disponibiliza, inserindo-se nesse contexto as redes sociais.

As redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* ou *Instagram* geralmente são banidas da sala de aula, entretanto, vislumbra-se, a partir do uso de uma metodologia adequada, que possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, de forma a estabelecer uma conexão entre sala de aula e o cotidiano extraescolar do aluno.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem a intenção de responder a seguinte questão: É possível desenvolver na aula de língua estrangeira um processo de interação e aprendizagem significativo através da rede social *Facebook*? O objetivo principal é analisar a utilização da rede social dentro de um curso de idiomas, demonstrando se a ferramenta funciona ou não como instrumento de interação e prática do idioma entre alunos de diferentes turmas, juntamente com a sua professora.

Assim sendo, buscando resposta para essa indagação, um grupo de alunos, formado por 20 integrantes de diferentes níveis de conhecimento em Língua Inglesa foi observado durante duas semanas, em um grupo fechado no *Facebook*, tendo a professora como administradora do grupo e, conseqüentemente, a responsável pelas tarefas postadas.

A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, pois a proposta que será apresentada neste artigo não foi rigidamente estruturada, o que possibilitou à pesquisadora a exploração de novos temas dentro do assunto proposto. Aliada à abordagem qualitativa empregou-se a pesquisa-ação, opção que permitiu à professora e pesquisadora uma reflexão mais próxima da sua prática, de forma que por estar diretamente envolvida em todo o processo, pôde realizar, inclusive, algum tipo de intervenção durante o trabalho, quando foi necessário. Com base em Engel (2000, p.182) as características mencionadas vão ao encontro do que se espera com esse tipo de pesquisa:

Uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. (ENGEL, 2000, p. 182).

Assim sendo, os resultados que serão apresentados neste trabalho revelam uma prática pedagógica a partir da qual se buscou mensurar os resultados da experiência dos alunos, porém, este artigo não tem como objetivo oferecer uma solução final sobre a temática, muito pelo contrário, procura mostrar as observações feitas durante as semanas observadas, para que outros pesquisadores, professores ou curiosos sobre o assunto, possam explorá-lo com um outro olhar e diferentes vivências, contribuindo

assim para que a prática pedagógica possa aproximar cada vez mais alunos e professores dos recursos tecnológicos que estão à disposição.

2. REVISÃO DE LITERATURA

As tecnologias cada vez mais proporcionam o surgimento de novos tipos de redes sociais. Hoje podemos encontrar nesses ambientes diversos tipos de espaços e recursos interativos, como por exemplo: *chat*, grupos, *links* com acesso à páginas da *Internet*, aplicativos, jogos e outros.

Dessa forma, encontra-se em pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, estudos que idealizaram ou realizaram o aproveitamento de alguns desses espaços e recursos mencionados para a aprendizagem.

[...] ao se reconhecer a importância de processos interativos para o desenvolvimento humano e, em especial para o processo de aprendizagem, parece urgente que se discuta acerca do potencial destas tecnologias que se colocam de forma simbiótica na vida das pessoas e que têm ganhado espaço no meio educacional. (MELLO; TEIXEIRA, 2012, p. 2).

Além do fator interativo, outra questão muito discutida quando o assunto aborda o processo educacional usando as redes é a motivação para o trabalho colaborativo que esses meios fomentam. Com base em Melo e Teixeira (2012, p. 8), as ações colaborativas quando realizadas na rede, resultam em diferentes níveis de interação variando de um sujeito para outro. Esse processo acaba gerando uma descentralização de conhecimento, ou seja, o professor deixa de ser a pessoa que cumpre a função de simplesmente transmitir conteúdo, passando a fazer parte direta da construção de aprendizagem junto com os alunos, ocorrendo assim uma troca de conhecimento que ultrapassa as barreiras físicas de uma sala de aula.

Muitas são as redes sociais que podemos usar para desenvolvermos um processo interativo e colaborativo em sala de aula, as mais famosas e utilizadas pelos alunos são: *Twitter*, *My Space*, *Livemocha*, *Facebook* e *Instagram*. Cada uma delas apresenta características específicas, mas todas têm em comum o “[...] pressuposto básico de oferecer a possibilidade de troca de informações de maneira interativa, em que cada indivíduo pode contribuir de maneira ativa ou receptiva.” (SOUZA *et al.*, 2014, p. 49). Porém, a intenção desta pesquisa é focar mais especificamente na rede social *Facebook*.

O *Facebook* foi criado em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckeberg e seus colegas de quarto, todos estudantes da Universidade de Harvard. Em oito meses após a sua criação o *site* atingiu a marca de um bilhão de usuários. No Brasil a sua aceitação é tão grande que o país consta na lista de um dos lugares com maior número de usuários.

Uma das vantagens do *Facebook* é a possibilidade que se tem de formar grupos que podem ser fechados ou abertos, para os mais diversos fins. Como foi o caso do grupo criado para o desenvolvimento do respectivo projeto. Segundo Meishar-tal *et al.*, (2012, p.33, 34):

The Facebook group contains at least two of the three components of learning management systems, the digital content component and the

*interaction component, and thus raises the possibility that Facebook could turn into a learning environment and serve as an alternative learning management system*³.

Isso mostra que mesmo que o *Facebook* não tenha sido criado para fins educativos, a rede apresenta algumas características de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), inclusive com algumas vantagens, pois é “[...] uma ferramenta popular; fácil de usar; não necessitando de desenvolvimento interno ou de aquisição de *software*.” (PATRICIO; GONÇALVES, 2010, p.10), além disso, para Cerdá e Planas (2011, p.199):

*Facebook is [...] has enormous potential in the field of education despite the fact that it was not designed as an environment for constructing and managing learning experiences*⁴.

Assim, com base nos aportes teóricos mencionados nesta seção, foi planejada a pesquisa e o ensino da Língua Inglesa utilizando para a prática pedagógica os recursos disponíveis na rede social *Facebook*.

3. METODOLOGIA

O primeiro passo para o início da pesquisa foi a criação de um grupo no *Facebook*, que recebeu o nome de *Tim Burton's group*. O grupo foi formado por um total de 20 alunos, com idade entre 12 e 19 anos de um curso de idiomas, com diferentes níveis de conhecimento.

A primeira tarefa foi fomentada a partir de uma postagem do professor/pesquisador, que usou uma gravura do diretor e escritor Tim Burton, que seguia uma sequência de perguntas que tinham como finalidade analisar o conhecimento prévio que os alunos tinham sobre Burton. A finalidade da tarefa era promover a interação inicial entre os alunos. Porém, as respostas esperadas pela professora não ocorreram. Os alunos, acessavam o ambiente e apenas “curtiam” a publicação, não deixando nenhum comentário sobre o assunto. Chegou-se a pensar que o assunto não era de interesse dos estudantes, no entanto, ao conversar com o grupo foi identificado que o problema não era esse, mas sim a falta de tempo dos discentes para acessar a atividade ou até mesmo o fator esquecimento. Com base nessa conversa, algumas alterações no planejamento do projeto foram feitas. Pois segundo Passos (2012, p.1),

[...] a flexibilidade deve ser uma característica inerente ao planejamento do ensino, pois trata-se de prática social, interativa, imprevisível. Traçar princípios norteadores para a ação não significa que seja possível prevê-la em todos os seus detalhes.

Dessa forma seguindo a sequência das tarefas, foi postado no grupo um vídeo do *YouTube*, em que os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um pouco sobre a vida de Tim Burton, assim como algumas de suas obras. Além do vídeo, os alunos também podiam acessar o *link* de um *site* onde encontravam a biografia de Burton, tendo assim a oportunidade de ter contato com esse tipo de leitura. Depois disso, a ideia inicial era disponibilizar um questionário criado no *Google.docs*, com perguntas

³ O grupo *Facebook* contém pelo menos dois dos três componentes dos sistemas de gestão de aprendizagem, o componente de conteúdo digital e o componente de interação, e assim aumenta a possibilidade de o *Facebook* poder transformar-se em um ambiente de aprendizagem e servir como um sistema de gestão de aprendizagem alternativo. (Tradução nossa).

⁴ *Facebook* [...] tem um enorme potencial no campo da educação, apesar do fato de não ser concebido como um ambiente para a construção e gestão de experiências de aprendizagem. (Tradução nossa).

sobre o vídeo e o *link*. Porém, para garantir a participação e a interação dos alunos, já que o grupo não se mostrou muito participativo na primeira tarefa, resolveu-se criar um *Power Point* com as perguntas para trabalhar em aula, abolindo dessa forma a ideia do questionário *online*.

O *Power Point* foi estruturado em forma de *Quiz* e cada turma participou da tarefa no seu dia de aula, ou seja, a atividade foi feita individualmente com cada grupo. Na ocasião os alunos puderam usar o telefone ou o *tablet* para fazerem pesquisas na *Internet* sobre o assunto, também podiam acessar o material que havia sido disponibilizado no grupo do *Facebook*. Cabe destacar, que a partir desse momento, todas as atividades integraram uma grande gincana entre as turmas que estudavam Língua Inglesa com a professora, expandindo dessa forma a ação do projeto, embora se mantenha a pesquisa direcionada apenas para os 20 sujeitos mencionados ao início desta seção.

Assim sendo, como terceira atividade, foi postado no grupo do *Face* o vídeo do primeiro curta-metragem de Burton feito em 1982, a partir do qual os alunos puderam notar claramente as características da obra do diretor. Como observa, Cánepa (2009, p.1):

Nesse pequeno filme de animação de apenas 5 minutos, encontram-se quase todos os elementos temáticos e estilísticos que fundamentariam sua bem sucedida carreira no cinema comercial norte-americano, e que, ao mesmo tempo, lhe dariam fama de *outsider* e de diretor *cult*.

Após assistirem o vídeo, o grupo recebeu uma sequência de perguntas sobre o curta metragem para ser respondida no grupo do *Facebook*. Para cada participação o aluno marcava um ponto para a sua turma. Dessa vez, a participação do grupo foi mais representativa, pois como havia o critério da pontuação os alunos se sentiram mais motivados a participarem. Essa atividade foi quase uma unanimidade na preferência dos alunos. Portanto, ao transformar o previamente programado, percebeu-se que o uso do *Facebook* integrado ao jogo (*Quiz*) possibilitou obter o resultado esperado, da interação, assim como a prática do idioma no grupo de discussão do *Facebook*.

Destaca-se que o projeto foi desenvolvido em um curso de idiomas, espaço onde a questão motivacional às vezes pode ser um problema, uma vez que os alunos sabem que não receberão uma nota por determinada tarefa. E no caso do projeto, os alunos também sabiam que as tarefas não faziam parte do cronograma do curso. Por esse motivo, o recurso da “recompensa” foi utilizado com os alunos, para que de alguma forma surgisse o interesse desejado pelo assunto, ação que se julgou pertinente, pois se entende, com base nas palavras de Figueiredo e Medeiros (2010, p.66), que a recompensa pode alcançar um caráter neutro, não prejudicando o interesse pela atividade, podendo até aumentá-lo.

Para o encerramento das atividades foi criado um questionário com perguntas abertas para que os alunos apresentassem a sua opinião sobre o projeto, apontando aspectos positivos e negativos, também foram solicitadas sugestões para futuros projetos. Na próxima seção será apresentado um recorte das respostas obtidas a partir do instrumento questionário.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o projeto foram elaborados dois questionários com perguntas abertas para os alunos. O primeiro foi feito antes do projeto, com a finalidade de saber quando e com que frequência o aluno utilizava a rede social *Facebook* e se participava de algum grupo nesse ambiente. O segundo questionário constituiu-se de cinco perguntas, foi realizado ao fim do projeto com a intenção de avaliar as atividades e as ações realizadas.

A pesquisadora, em um primeiro momento teve intenção de usar a ferramenta *Google Docs* para elaborar ambos questionários, mas ao perceber que os alunos não estavam acostumados a usar essa ferramenta, e por consequência, não responderiam aos questionários, então, após essa reflexão, preferiu elaborar um questionário em folha de papel para aplicação em sala de aula.

Antes do projeto foi questionado aos alunos sobre com que frequência eles utilizavam o *Facebook*, de acordo com a resposta de todos observou-se que muitos ficavam conectados à rede social durante muitas horas, mas também se notou que nenhum deles utiliza a rede social para fins de estudo. Alguns alunos declararam que geralmente utilizam a rede para visualizar e postar fotos ou para falar com seus amigos e ler notícias. (ALUNO 1; ALUNO 2, 2015). A partir da análise das respostas dadas pelos alunos a essa primeira pergunta, viu-se que um dos principais desafios do projeto era mostrar aos alunos como a rede social *Facebook* pode ser usada em um contexto educativo. De acordo com Gonçalves e Patrício (2010, p.8):

[...] se os alunos já estão motivados para o uso de redes sociais, as utilizam diariamente e podem ser um veículo de aprendizagem colaborativa e informal, porque não usá-las em contexto educativo?

Como a intenção do pesquisador era criar um grupo no *Facebook* que tivesse como fim a prática do idioma, sem uma maior preocupação com questões gramaticais, ao mesmo tempo que também não seria adotado um critério de avaliação rigoroso, era importante saber se os alunos tinham como hábito participar de grupos na rede social. Assim, a segunda pergunta, antes de iniciar-se o projeto, foi justamente sobre a participação e os tipos de grupos que eles costumavam integrar.

Observou-se que dos 20 alunos entrevistados somente 2 nunca haviam participado de grupos na rede social, os outros alunos integravam grupos bem variados, mas com predominância de grupos da escola onde estudam, como times de futebol ou bandas de músicas. Como declara o Aluno 3 (2105) “que é fã da banda *System of a Down* e acompanha cada notícia da banda na página oficial da banda”, ou ainda o Aluno 4 (2105) “que não tira o olho do grupo do Consulado Gremista de Dois Irmãos”, do qual faz parte.

A partir dessas observações, constatou-se a familiaridade dos alunos com grupos do *Facebook*, e a possibilidade de o projeto ser realidade, especialmente por se tratar de um ambiente virtual de fácil adaptação.

[...] one of the best aspects, in our opinion, is the initial simplicity of the platform for new users. [...] and despite having evolved tremendously since its launch, the environment has not lost sight of the fact that the main objective [...]. Thus, Facebook's native tools are the ones required

*to immediately start creating a community of friends that is based on sharing these basic objects*⁵. (CERDÁ; PLANAS, 2011, p.201).

Além disso, é possível encontrar nesse ambiente todas as características necessárias para o desenvolvimento das tarefas em grupo, como por exemplo: “[...] *simplicity and speed creating a work group, [...] simplicity of use native tools, [...] chat, [...] a high degree of external connectivity, [...]*”⁶ (CERDÁ; PLANAS, 2011, p.202).

Ao término do projeto foi aplicado outro questionário a fim de saber a opinião dos alunos sobre o trabalho, a primeira pergunta lhes indagava sobre o grupo no *Facebook* para a prática da língua inglesa. A maioria dos alunos respondeu que a participação no grupo lhes ofereceu a oportunidade de usar o idioma fora da sala de aula, conforme expôs o Aluno 5 (2015) “raramente uso o inglês fora da escola”. Ou ainda como aponta a Aluna 10 (2015):

O grupo no *Face* deu a oportunidade de usarmos o que já aprendemos na escola ou no curso, em outro lugar, assim conseguimos ver se estamos aprendendo ou não. Gostaria de mais oportunidades como essa.

As respostas dos alunos também apontaram para a existência de uma valorização da aprendizagem da Língua Inglesa, principalmente, da oportunidade de usar o inglês dentro de outra realidade fora do contexto escolar ou do curso, ou seja, dentro de um ambiente que está mais perto do cotidiano pessoal do alunado. Essa exposição da aluna encontra sustentação nas palavras de Moreira-Leite (2014, p.61):

[...] alguns estudantes de Inglês que, em muitas ocasiões, preferem usar a tecnologia com seus recursos comunicativos para aprimorar suas aprendizagens, desvencilhando-se dos modelos adotados pela escola que se apoiam em estruturas gramaticais, lições pré-estabelecidas e descontextualizadas de suas realidades.

Outro ponto de destaque, com base nas respostas do grupo, foi sobre o fator timidez (ALUNO 11, 2015). É notável que em um ambiente virtual como o *Facebook*, alunos que normalmente eram mais tímidos em sala de aula, tiveram uma participação mais ativa nas tarefas online. Isso comprova que “[...] *social interaction may provide those with low self-esteem with greater benefit*” (ELISON *et al.*, 2007, *apud* CERDÁ; PLANAS, 2011, p.206).

A segunda pergunta do questionário orientava os alunos a opinarem sobre a validade das atividades feitas, assim como também verificar se houve algum tipo de aprendizado, ou seja, se as tarefas realmente levaram os alunos à prática do idioma testando os conhecimentos já adquiridos no decorrer do curso. Notou-se que os alunos puderam colocar em prática todas as estruturas já vistas em sala de aula, principalmente através da escrita ou da leitura, conforme observa o Aluno 6: “as perguntas dadas no grupo foram interessantes, pois davam a oportunidade de praticarmos a escrita e a leitura”. Entretanto, notou-se que os alunos se limitavam a simplesmente responder as questões das atividades, não interagindo com os colegas

⁵ [...] um dos melhores aspectos, em nossa opinião, é a simplicidade inicial da plataforma para novos usuários. [...] apesar de ter evoluído tremendamente desde o seu lançamento, o ambiente não perdeu de vista o principal objetivo [...]. Assim, as ferramentas do *Facebook* são as necessárias para iniciar imediatamente a criação de uma comunidade de amigos que se baseia em compartilhar esses objetos básicos. (Tradução nossa).

⁶ [...] simplicidade e velocidade de criação de um grupo de trabalho, [...] simplicidade de uso de ferramentas nativas, [...] *chat*, [...] um alto grau de conectividade externa. (Tradução nossa).

e muito menos fazendo algum tipo de correção na escrita de algum integrante do grupo. Normalmente, ficava a cargo da professora esse tipo de intervenção.

Foi também solicitado aos alunos que indicassem aspectos negativos e positivos do projeto. A opinião dos alunos deve ser sempre considerada, já que é através dela que o docente consegue aprimorar o seu trabalho, pois é com base nesse *feedback* discente que consegue obter informação para manter o que é produtivo e modificar algum aspecto que não tenha sido bem aceito ou até mesmo incluir algo novo. Com respeito aos aspectos negativos, poucos alunos fizeram alguma observação falando sobre algo que não gostaram, com exceção do Aluno 6 que sugeriu a inclusão de mais jogos no grupo. O que não é uma crítica negativa, mas sim uma sugestão para o enriquecimento de um próximo projeto.

Essa resposta aponta para a importância de rever o planejamento quando não se obtém o resultado esperado, que foi o que aconteceu durante a experiência do projeto. Também demonstra a importância do planejamento e a inclusão das tecnologias e dos recursos online disponíveis para a aprendizagem de ensino de línguas. É válido observar que o projeto obedeceu criteriosamente aos elementos considerados por Marchini (2008, p.10) durante as etapas de planejamento e execução:

Para que os professores possam aproveitar a *Internet* com suas turmas necessita-se que os mesmos: a) conheçam seus alunos; b) identifiquem qual é a cultura digital que os aprendizes possuem; c) saibam o que eles gostam de ver, ouvir, ler e escutar na *Web*; d) promovam discussões sobre temas, assuntos e/ou curiosidades que são exibidas em um determinado *site*; e) debatam assuntos que sejam de interesse pessoal do aluno relacionando-os com os conteúdos da disciplina.

Ainda com relação aos aspectos positivos e negativos, enfatiza-se quanto aos positivos a autonomia para a participação das discussões no grupo, destacando assim um aspecto tão discutido na educação de hoje, que é o despertar de uma atitude crítica e autônoma do aluno, responsabilizando o mesmo pela sua aprendizagem.

Achei interessante a atividade do Vincent, porque tivemos que prestar atenção no vídeo e depois nos aprofundarmos no assunto. O professor deu algumas dicas, mas nós ficamos responsáveis em buscar mais informações sobre o desenho se queríamos saber mais e compartilhar com os colegas. (Aluno 4, 2015).

A autonomia mostrou-se presente durante o desenvolvimento do projeto, pois cada um assumiu a responsabilidade de buscar informações sobre o assunto, o que contribuiu para a construção do conhecimento no grupo, ações individuais que se conjugaram no coletivo de forma a corroborar o que se espera de uma aprendizagem colaborativa, ou pelo menos o início dela no que diz respeito a esse grupo.

À professora, destinou-se a função de orientar aos alunos, oferecendo-lhes o material necessário para a busca de novas informações que pudessem contribuir para o crescimento do grupo. Com essa atitude espera-se desmitificar aquela imagem de um professor detentor do conhecimento. Pois, como destaca, Mello e Teixeira (2012, p.7):

Diferente de uma aula convencional, onde o professor transmite informações, num ambiente colaborativo é importante a valorização da identidade, as ações são tomadas em conjunto, não existe um detentor

do saber, e sim, todos estão ali para aprender através da partilha de informações.

A última pergunta feita aos alunos foi para saber se algum dos professores na escola onde eles estudam alguma vez fez uso do *Facebook* como ferramenta didática. As respostas obtidas expuseram que a maioria dos professores ainda prefere usar métodos tradicionais de ensino. Os alunos do curso de Inglês que participaram do projeto estudam em diferentes escolas, mas todos foram enfáticos em falar que na sua escola os professores dificilmente utilizam qualquer tecnologia, muito menos o *Facebook*.

Sabe-se que vários fatores contribuem para a falta de uso de redes sociais ou qualquer outra ferramenta digital nas escolas. Entre os quais considera-se que

Muitas instituições de ensino encontram-se despreparadas para entrar na era digital. Ausência de bons laboratórios de informática, docentes sem preparo e falta de planejamento pedagógico alinhado a essas novas demandas são alguns dos obstáculos que precisam ser superados. Ainda hoje é comum deparar-se com escolas da rede pública que não dispõem de recursos adequados. Faltam computadores atualizados, conexão à *Internet* de qualidade, profissionais para implantar e manter esses sistemas. Tudo isso aliado à falta de interesse de muitos profissionais torna o cenário ainda mais desanimador. (SOUZA *et al.*, 2014, p.45-46).

Contudo, observa-se que é cada vez mais latente a necessidade de apropriação dos recursos que a *Internet* e seus infinitos espaços disponibilizam para a aprendizagem por parte das escolas, a atividade docente que se transformou em objeto da pesquisa aqui apresentada comprova a necessidade desta adaptação didática na esfera escolar. Assim sendo, a próxima seção apresentará as considerações finais e encaminhará para futuras reflexões sobre o assunto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou mostrar a utilização da rede social *Facebook* dentro de uma aula de Língua Inglesa em um curso livre de idiomas, através da formação de um grupo de discussão, em que o assunto em questão era sobre a vida do cineasta Tim Burton.

A necessidade do trabalho surgiu com a intenção de responder aos questionamentos da pesquisadora, sobre a real eficácia da rede social no processo de aprendizagem, assim como o de contribuir para que barreiras formadas pelo ensino tradicional possam ser rompidas, dando a oportunidade tanto para professores quanto para alunos de fugirem do esquema “livro-giz-quadro”.

Durante o processo, o *Facebook* se mostrou uma ferramenta capaz de promover um aprendizado que motiva os alunos, pois ofereceu a oportunidade de interação entre o grupo, que colocou em prática o idioma, ao mesmo tempo em que puderam ter contato com um material autêntico sobre o assunto discutido. O estudo comprovou que as redes sociais podem ser:

[...] excelentes ferramentas de promoção da aprendizagem colaborativa, na medida em que incrementam a motivação de todos os participantes no grupo para os objetivos e conteúdos de aprendizagem; a

aprendizagem alcançada por cada indivíduo do grupo incrementa a aprendizagem do grupo e os seus membros atingem maiores níveis de rendimento acadêmico; favorecem uma maior retenção da aprendizagem; promovem o pensamento crítico (análise, síntese e avaliação de conceitos), ao fornecer oportunidades de debater os conteúdos da sua aprendizagem; a diversidade de conhecimentos e experiências do grupo contribuem positivamente para o processo de aprendizagem, ao mesmo tempo que reduzem a ansiedade que podem provocar as situações individuais de resolução de problemas. (MORENO, 2004 *apud* GONÇALVES; PATRICIO, p.11).

No princípio houve uma resistência inicial, por conta da timidez de alguns alunos, mas os resultados mostraram que a maioria aproveitou a oportunidade para colocar em prática seus conhecimentos linguísticos de Inglês e aprender sobre as informações compartilhadas.

Os resultados e os comentários dos alunos indicam a importância de o docente não se limitar apenas ao ensino tradicional da sala de aula, pois quando o professor faz uso das tecnologias em suas aulas de forma planejada, e com objetivos definidos, ele trabalha com o contexto do aluno, e a aprendizagem passa a ser significativa, bem como a sua chance de contribuir para a formação de alunos mais críticos e responsáveis pelo seu próprio conhecimento, capazes de agir e interagir com o mundo que os cerca. A mídia utilizada, o *Facebook*, para a aprendizagem do Inglês demonstrou ser efetiva e produtiva nesta busca, mostrando-se uma ferramenta de fácil manuseio e de grande potencial educacional. A pesquisa indica, com base na aplicação didática realizada, que o *Facebook* também poderia ser utilizado para o ensino de outras Línguas Estrangeiras.

Complementando, considera-se, a partir da experiência do *Facebook* e da revisão literária específica, para o professor que se propõe a desenvolver atividades utilizando uma rede social ou algum tipo de recurso da *Web* a observância de dois fatores importantes: a questão da motivação do grupo, visto que deve ser constantemente fomentada e acompanhada, e a preocupação em adequar o conteúdo trabalhado com o nível de conhecimento linguístico dos alunos. Pois somente assim, os alunos se sentirão à vontade para participar na construção do conhecimento colaborativo que esse ambiente virtual oferece.

6. REFERÊNCIAS

- CÁNEPA, L. **Vincent - Filme - Síntese de Tim Burton**. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www2.anhembi.br/publique/media/mestrado_comunicacao/vincent_por_laura_canepa>. Acesso em: 23 set. 2015.
- CERDÀ, F. LI.; PLANAS, N. C. Facebook's potential for collaborative e-Learning. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**, v.8, n.2, p.197-210, 2011. Disponível em: <<http://rusc.uoc.edu/ojs/index.php/rusc/article/view/v8n2-llorens-capdeferro/v8n2-llorenscapdeferro-eng>>. Acesso em: 05 nov. 2015.
- COLOGNESE, R. M.; RODRIGUES, W. **Tecnologia como instrumento de ensino aprendizagem em Língua Inglesa**. Paraná, 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/317-4.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

ENGEL, I. G. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, UFPR, Curitiba, v.16, n.16, p.181-191, 2000. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016.

FIGUEREDO, C. J.; MEDEIROS, T. G. de. O papel das recompensas como estratégia motivacional em sala de aula de Inglês. **Revelli - Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG**, Inhumas, n.1, p.53-73, 2010. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/viewFile/2822/1789>>. Acesso em: 02 out. 2015.

História do Facebook. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Facebook>. Acesso em: 01 nov. 2015.

MARCHINI, A. A. **A Internet como meio de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa**: roteiro para sites. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1453-6.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MEISHAR-TAL, H.; KURTZ, G.; PIETERSE, E. Facebook groups as LMS: a case study. **The International Review of Research in Open Distance Learning**, v.13, n.4, 2012. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/1294/2337>>. Acesso em: 30 out. 2015.

MELLO, E. de F. F. de; TEIXEIRA, A. C. **A interação social descrita por Vigotsky e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede**. Passo Fundo, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/Trabalho/06_03_38_6-7515-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MOREIRA-LEITE, J. R. Letramento crítico: uma proposta de uso do Facebook nas aulas de Língua Inglesa. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.5, n.1, p.58-71, 2014. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1390/1013>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

PATRICIO, M. R. V.; GONÇALVES, V. M. B. **Utilização educativa do Facebook no ensino superior**. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação, Portugal, 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/2879>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

PASSOS, C. M. B. **Planejamento**: para além do burocratismo. 2012. Disponível em: <http://portais.tjce.jus.br/esmec/wpcontent/uploads/2012/05/planejamento_para_alam_do_burocratismo.pdf>. Acesso em: 09 out. 2015.

SOUZA, S. M. da F. *et al.* A rede social Facebook como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. **Revista Transformar**, Centro Universitário São José de Itaperuna, n.6, 2014. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/12>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

TIM BURTON. **Biography**. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/tim-burton-9542431>>. Acesso em: 22 set. 2015.

TIM BURTON. **From visionary to iconic director**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Esz-6aY70KE>>. Acesso em: 22 set. 2015.

TIM BURTON. **Vincent** (legendado em português). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=QkmKhd_h3lk>. Acesso em: 23 set. 2015.

Submissão em: **25/08/2018**

Aceito em: **22/10/2018**